

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS
DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO
SANTA MISSA
(15 de abril de 2023)

HOMILIA

(sábado na Oitava da Páscoa, ano A: At 4,13-21; Sl 117; Mc 16,9-15)

Kevin Joseph Farrell

Cardeal Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Caros irmãos e irmãs, nesta Oitava da Páscoa, vivemos ainda a plenitude da luz, da paz e da alegria que emana da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. O Evangelho que ouvimos é tirado do chamado “final canônico de Marcos”, ausente nos manuscritos mais antigos do segundo Evangelho, mas rico em conteúdo para a nossa fé. O tema da incredulidade dos Apóstolos aparece várias vezes: eles não acreditam no testemunho de Maria Madalena, que lhes diz ter visto Jesus vivo, nem no testemunho de outros dois discípulos que encontraram Jesus: “enquanto iam para a aldeia”. O próprio Jesus, finalmente, aparecendo-lhes “quanto estavam à mesa”, censura-lhes “a sua incredulidade e dureza de coração”.

Esta persistente e quase obstinada incredulidade dos Apóstolos é um aspeto importante que a revelação do Novo Testamento nos transmitiu, sem eliminá-lo ou “suavizá-lo”. Muitas vezes, na história, tentou-se atacar a fé cristã, dizendo que a ressurreição de Jesus seria um mito criado pela comunidade dos seus primeiros discípulos, fruto de exaltação coletiva ou da glorificação póstuma do mestre, como aconteceu em muitas outras crenças religiosas do passado.

Na realidade, é exatamente o surpreendente testemunho dos relatos evangélicos que contradiz todas estas hipóteses. O grupo dos discípulos de Jesus não se encontrava, efetivamente, num estado de “exaltação coletiva”. Pelo contrário, os Evangelhos dizem-nos que eles estavam temerosos, angustiados e abatidos. E também não se encontra neles uma atitude de fácil credulidade ou de inclinação ao misticismo religioso. É claro, de facto, como ouvimos no Evangelho de hoje, que a própria ideia de que Jesus estivesse ainda vivo parecia incrível para os Apóstolos. Foi extremamente difícil para eles convencerem-se de que Jesus havia vencido a morte!

Portanto, a própria incredulidade dos Apóstolos é um forte sinal de credibilidade do Evangelho. No coração da nossa fé não há um mito, não há uma ilusão coletiva, não há uma lenda criada pela comunidade com um objetivo de consolação. Não! O fundamento da nossa fé é um facto: Cristo ressuscitou! Cristo realmente venceu a morte! Cristo, ao ressuscitar, entrou com a sua santa humanidade na própria dimensão de Deus e da eternidade! Este acontecimento inesperado e surpreendente foi constatado por muitas testemunhas oculares, como temos ouvido nestes dias nos relatos das aparições do Ressuscitado que a liturgia nos propõe.

Estou convencido de que vocês também fizeram a experiência de Cristo ressuscitado na vossa vida, e por isso estão aqui hoje, por isso estão na Igreja, por isso procuram viver como cristãos no mundo de hoje. Vocês encontraram Cristo ressuscitado na comunidade cristã que, com autoridade, vos transmitiu a Sua palavra: na palavra da Igreja, de facto, reconhecemos a própria voz de Cristo vivo que fala ao mais profundo do nosso coração. Na comunidade cristã vocês reconheceram Cristo ressuscitado “ao partir o pão”, como aconteceu com os discípulos de Emaús. Na comunidade cristã vocês encontraram o rosto misericordioso de Jesus ressuscitado que respondeu com o perdão ao nosso pecado, à nossa indiferença, à nossa soberba, como aconteceu com São Paulo na estrada de Damasco. Na comunidade cristã vocês encontraram Cristo ressuscitado, que nos deu o Seu Espírito, que se tornou em nós fonte de renovação, de

renascimento, de iluminação e de infinitas energias criativas para pôr a serviço dos irmãos, como aconteceu com os discípulos no Pentecostes.

Caríssimos, a comunidade cristã na qual vocês encontraram Cristo ressuscitado assumiu para vocês o rosto concreto da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Talvez aqui tenham encontrado uma “Maria Madalena” que vos falou de Jesus com gratidão e entusiasmo. Talvez aqui se tenham deparado com os dois discípulos “regressados da aldeia” que, entusiasmados, vos contaram o encontro impressionante que tiveram.

Talvez no começo tenham reagido com “incredulidade” e “dureza de coração”, mas aos poucos a serenidade, a razoabilidade da fé e a alegria daqueles que trouxeram a notícia conquistaram-vos. Aqueles cristãos mostravam-se seguros de um destino bom que está na origem e no culminar da nossa existência, um destino que veio ao nosso encontro e se deu a conhecer. Isto fascinou-vos. O modo de viver e de estar juntos daqueles que disseram ter encontrado Cristo, o seu envolvimento apaixonado com a vida, que não excluía nada dos seus interesses, tudo isso vos surpreendeu e despertou em vocês o desejo de viver da mesma maneira. Pensaram que, se Cristo é aquele que ajuda as pessoas a viver de maneira tão plena, feliz e autenticamente humana, então vale a pena acolhê-lo e segui-lo.

E efetivamente, começando a seguir Jesus e a viver na companhia dos seus discípulos, começaram a experimentar uma grande paz, começaram a descobrir com surpresa que em Cristo havia respostas para as vossas perguntas e os vossos desejos mais profundos, e que o vosso olhar sobre a vida, a vossa humanidade, o vosso trabalho, as vossas amizades, a vossa capacidade de amar, tudo adquiriu uma nova profundidade e uma maior “verdade”. Isto, na verdade, significa encontrar Cristo ressuscitado. É um evento de renascimento, de transformação, de reconciliação interior e exterior.

Conservem sempre a gratidão ao Senhor por esta imensa graça e também por aqueles “instrumentos” concretos de que o Senhor se serviu: as pessoas, o carisma, a comunidade. Conservem também a clareza e a liberdade de considerá-los instrumentos para o encontro verdadeiro, ou seja, o encontro com Cristo ressuscitado.

No relato de Marcos, ouvimos que foi justamente aos discípulos, com tanta “incredulidade e dureza de coração”, que Jesus confiou a missão de “pregar o Evangelho a toda criatura”. A todos nós, mesmo sendo fracos e com uma fé muitas vezes vacilante, Jesus confia grandes tarefas. Fiquei impressionado com um excerto de uma carta que li recentemente, escrita por *don* Giussani em 1960, quando sonhava partir em missão para o Brasil com um grupo de jovens. Nela escreve: «Só o mundo inteiro é o horizonte do cristão, quem trabalha sem este ideal pode ser ferozmente honesto, ricamente asceta, talvez heroico, mas não verdadeiramente cristão» (cf. *Osservatore Romano*, 8 de março de 2023, suplemento “Religio”). Estas palavras de *don* Giussani são verdadeiras! E assim como muitas outras das suas palavras, ainda precisam de ser valorizadas e assimiladas completamente. Convido-vos por isso a voltar à integridade do ensinamento de *don* Giussani, que é uma grande riqueza para a Igreja hoje.

Realmente, o encontro com Cristo ressuscitado expande os nossos horizontes e abre-nos ao “mundo inteiro”, insere no nosso coração o desejo de alcançar todos os homens e levar a todos a alegria da Boa Nova. Não percam nunca este olhar universal, este impulso missionário e este grande amor por todos os homens que Jesus indica aos seus discípulos e que *don* Giussani sempre sentiu arder dentro de si.

Esta missão universal da Igreja, ainda que realizada com impulso e entusiasmo, nunca será fácil, na verdade encontrará oposições, como ouvimos na primeira leitura. O relato dos Atos, no entanto, testemunha que diante das proibições de anunciar Cristo e operar curas “em seu nome”, Pedro e João mantêm grande franqueza e liberdade de espírito e afirmam: “não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”.

Este testemunho apostólico é de grande ajuda para nós. É claro aqui que o “carisma” de Pedro e dos Apóstolos é precisamente o de manter vivo o anúncio do Evangelho, mesmo quando isso esbarra com a indiferença ou até com a rejeição do mundo. Portanto, só se conservarmos uma forte comunhão com Pedro e com a Igreja é que teremos, também nós, a força de dizer: “Temos de obedecer antes a Deus do que aos homens”. O nosso vínculo com os sucessores dos Apóstolos confere garantia de eclesialidade e autoridade ao nosso anúncio e irá ajudar-nos a não sermos “pregadores de nós mesmos”, mas pessoas conquistadas pelo Mistério, também ressuscitados com Cristo e anunciadores de sua vitória sobre a morte. É o valioso serviço que nós, cristãos, somos chamados a realizar por amor aos homens e mulheres do nosso tempo: manter o mundo aberto ao mistério de Deus, anunciar com a vida o “facto” indubitável da ressurreição de Cristo, com toda a luz e a esperança que dela emanam.

Que a Virgem Maria vos sustente no vosso caminho cristão e na missão que o Senhor confia à vossa Fraternidade e a cada um de vocês individualmente. Amém.